



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10612 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

APRENDIZAGENS COM UMA EDUCADORA VIAJANTE POR CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: EFEITOS DE UM PROCESSO FORMATIVO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Isabelle dos Santos - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

Jessica Ramos Ferreira da Silva - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Daniela Tomio - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

**APRENDIZAGENS COM UMA EDUCADORA VIAJANTE POR
CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: EFEITOS DE UM PROCESSO
FORMATIVO NO CURSO DE PEDAGOGIA**

Como cartas, vindas de carteiras secretas, narrando histórias de viagens de uma Educadora em diferentes contextos de Educação Não Formal, poderiam inspirar as acadêmicas de Pedagogia a conhecerem outros lugares e intencionalidades para educação de crianças, bem como para a sua atuação profissional?

Socializamos a resposta para essa pergunta a partir do relato de uma pesquisa de intervenção pedagógica desenvolvida com uma turma do curso de Pedagogia, de uma universidade pública, na disciplina de Educação Não Formal (ENF). Esse componente curricular tem como objetivo geral favorecer processos formativos para elaboração de saberes e práticas da Educação Não Formal que possibilitem o desenvolvimento e a análise de experiências de docência, gestão e pesquisa, contemplando diferentes contextos e práticas educativas.

Compreendemos, como destaca Marcelo (2009), que o desenvolvimento profissional dos professores, já na licenciatura, é um processo contínuo, que integra diferentes tipos de oportunidades e de experiências na direção da construção do eu profissional, que se transforma ao longo de suas carreiras. Esta construção da identidade docente se faz na relação com o outro, por isso tem igualmente uma dimensão coletiva, na análise de suas práticas, em determinado contexto histórico e social. Nessa direção, o desenvolvimento profissional docente é situado em dada época, cultura e sociedade, o que nos incita a considerar relações da profissão, também localizadas em outros espaços de aprender do nosso tempo. Espaços

estes, que podem ser mobilizados pela ENF.

Nossa compreensão de Educação aqui expressa amplia a educação escolarizada. Investigamos outras perspectivas para relações dos sujeitos (professores e estudantes) com o saber por meio de práticas educativas, desenvolvidas em diferentes contextos educativos. Em comum, estes podem oportunizar experiências de Educação (não formais) que segundo Gohn (2010) se diferem da educação escolar especialmente porque lidam com outra lógica nas categorias espaço e tempo, bem como pela ausência de obrigatoriedade ou de um currículo oficial a ser seguido. Em outras palavras, “a educação não formal é também uma atividade educacional, organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema escolar” (GADOTTI, 2005, p. 2). Nessa perspectiva, como destaca Castro (2015, p.182-3) cada uma dessas “têm seus próprios objetivos, conteúdos, referências teóricas, metodologias e embates internos nos seus campos”. Todavia, quando consideramos suas contribuições “na perspectiva da Formação Integral, são todas igualmente necessárias e integradoras”.

Em vista disso, pressupomos que esses contextos de educação necessitam de investigações acerca de suas especificidades na formação de profissionais que nelas atuam, pois como argumenta Zucchetti (2012, p. 138), pesquisas demonstram que os professores que atuam em contextos de ENF “[...] tendem a arrastar para a educação, no campo social, o modo de socialização escolar [...] o modelo de formação recebido por tais professores ainda está centrado na educação escolar”. Assim, “estamos diante da necessidade de refletirmos sobre qual conceito precisamos amparar a formação desses atores sociais”. (2012, p. 138). Concordamos com a autora, de que “há muitos lugares para aprender e a ideia hegemônica de que a educação acontece somente no interior da escola produz um saber-poder determinante. O reconhecimento destes outros lugares de aprendizagem e uma formação de professores que os contemple poderá contribuir para um novo professor.” (MOURA; ZUCCHETTI, 2014, p.350). E nessa perspectiva, “[...] acredita-se que, à medida em que os Cursos de Formação de Professores, em especial, os de Pedagogia, passem a contemplar, na sua formação, um conceito ampliado de educação, isto possa ser relativizado”.

Com base nesses pressupostos, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa e de procedimento de intervenção pedagógica, no contexto da disciplina de ENF, que aconteceu na sétima fase do curso. Segundo Damiani *et al.* (2013, p. 58), as pesquisas de intervenção são “investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças/ inovações) [...] e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.” Nesta direção, são pesquisas aplicadas, que tem como finalidade contribuir para solução de problemas, detalhando procedimentos realizados e avaliando-os em seus efeitos para os sujeitos envolvidos. (DAMIANI *et al.*, 2013). Neste sentido, a partir de uma intervenção/pesquisa partiu-se do objetivo de compreender efeitos de um processo formativo, envolvendo a troca de correspondência via uma educadora viajante, para as aprendizagens de licenciandas da Pedagogia acerca de conceitos e práticas da Educação Não Formal.

Para isso, foram promovidas experiências de aprendizagem de modo virtual/online

(considerando as medidas de isolamento social para prevenção ao COVID-19, com 23 acadêmicas da sétima fase e “uma educadora viajante”. Os dados foram gerados pelas pesquisadoras (professora regente/pesquisadora e duas mestrandas em Educação) por meio de observação participante, com registros de diário de campo; análise de documentos pessoais (69 cartas produzidas pelas estudantes) e um grupo de discussão ao final da atividade para (auto)avaliação.

A geração de dados ocorreu no período de três meses, no transcorrer das aulas da disciplina de ENF. A educadora viajante foi uma personagem criada pelas pesquisadoras (uma bonequinha de tecido) que cada acadêmica recebeu de presente, acompanhada de um envelope com um desafio: escrever cartas para uma colega da turma, narrando de suas aprendizagens em diferentes contextos de Educação Não Formal. Cada bonequinha/educadora viajante recebeu um nome dado pela acadêmica e um *e-mail* para correspondência. Os nomes foram sorteados entre as integrantes, que receberam as cartas em anônimo até a revelação no último encontro. Cópias das cartas deveriam ser sempre enviadas também às pesquisadoras. Assim, compôs-se o corpus para posterior análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011). É importante destacar que as acadêmicas, sujeitos da pesquisa, consentiram o uso dessas informações na pesquisa, bem como sua publicização.

Nas cartas era preciso contemplar dos contextos de ENF visitados (presencialmente ou online) dados investigados sobre: nome do lugar, o que conheceu lá, o que mais gostou e as recordações que trouxe (fotos, folder ...). Relatos de informações acerca de perguntas, como: quais objetivos educacionais desse contexto? (estabeleça relações com o conceito de ENF e objetivos que estudamos); como acontece o projeto? que práticas educativas desenvolve? qual o trabalho de uma educadora nesse contexto? quais seus desafios? Que competências precisa desenvolver? qual o público-alvo? Ainda, propor reflexões sobre o papel social/educativo do contexto/lugar para Educação, estabelecendo relações com leituras estudadas nas aulas de Educação Não Formal ou em outras fontes bibliográficas.

Com as cartas recebidas, que também foram socializadas na turma e compiladas em um e-book, foi possível conhecer diferentes lugares de educação para atuação profissional do/a Pedagogo/a, como zoológicos, museus, gibitecas, bibliotecas públicas, parques ecológicos, diferentes organizações não governamentais, escolas de dança, teatros, dentre tantos contextos. Além das informações do contexto, objetivos para ENF, desafios para o profissional e curiosidades, as cartas traziam fotografias e, especialmente, articulações com fundamentos teóricos abordados ao longo da disciplina.

Com esses dados, recorreremos à Análise Textual Discursiva para interpretações na pesquisa. Organizamos o corpus de análise em unidades de significado e estas foram agrupadas em categorias *a priori*. Segundo Moraes e Galiazzi (2011, p.19) “quando se conhecem de antemão os grandes temas da análise, as categorias *a priori*, basta separar as unidades de acordo com esses temas ou categorias”. Em nossa pesquisa, assumimos como categorias *a priori* as cinco disposições sistematizadas por Nóvoa (2009, p.31): P1 – Práticas;

P2 – Profissão; P3 – Pessoa; P4 – Partilha e P5 – Público, que “devidamente contextualizadas, podem inspirar uma renovação dos programas e das práticas de formação”. Observamos que todas as posições foram vivenciadas pelas acadêmicas em seus processos de desenvolvimento profissional, a partir da prática investigada e para associar ao texto, elegemos excertos que permitem interpretar efeitos para suas aprendizagens:

P1 – Prática: *A visitação ao museu desperta-nos inquietações do início ao fim. Quando cheguei no local logo analisei as pessoas que ali estavam e como o espaço estava organizado para nos receber. Saber que aquele local é utilizado para intercâmbio de culturas, assim como apresentações artísticas, rodas de conversa e pesquisas foi importante para ampliarmos nosso olhar a respeito da importância dessas ações e do conhecimento de que elas existem em nossa região e possuem notoriedade em nosso estado e país, fazendo com que valorizemos e destaquemos esse espaço em nossa comunidade. Pensando no cotidiano escolar, além do que já foi dito, podemos enxergar essa visita como infinitas maneiras de contribuir para uma educação integral dos participantes. Conscientização ambiental, transformações, uso da tecnologia, reutilização do lixo são alguns dos pontos a serem explorados em saídas como essa. O conceito de educação não formal procura alcançar a realidade das crianças, jovens e adultos de diferentes maneiras, porém de uma forma menos rígida, sem tempos definidos ou ações repetitivas.* (carta de Bibiana)

P2 – Profissão: *Todas as exposições me tocaram de certa forma, mas confesso que o trabalho de Leila Alberti, no Museu de Artes me tocou especialmente. A forma como a artista utiliza a metáfora dos pratos quebrados me cativou. Compreendi que as mudanças nos deixam marcas e que não podemos voltar a ser uma versão antiga de nós mesmos pois estamos em constante transformação. Falando em coisas que nos marcam e transformam, penso que esta analogia também serve para descrever visitas em espaços de Educação não formal. Como coloca a Professora Leonor B. Guerra na atividade da roda de conversa que fizemos, em um ENF "o indivíduo vai estar livre, ele não está assentado numa carteira. Outra, que ele consegue interagir com o outro na medida em que percorrendo o espaço com o outro colega, ou tendo um monitor ou a professora acompanhando, ele pode fazer perguntas na hora exata em que a dúvida vai acontecendo." Os ENF oferecem uma nova organização às relações de aprendizagem, e penso que no caso específico de uma exposição de arte, permite interpretações plurais e complexas que certamente são marcantes.* (carta de Hera)

P3 – Pessoa: *Bom, queria te contextualizar um pouquinho sobre onde fomos e sei o quanto você assim como eu se empolgou lá. Passamos por um movimento que muitas pessoas nunca se querer vivenciar já parou para pensar nisso? O uso de tecnologia nos possibilita viajar sem sair de casa e até mesmo ver museus com outras caras, desde passeios guiados onde você pode ouvir sua visita mesmo em outro lugar no mundo em português como é no Museu do Louvre ou entrar no quadro como na exposição do Cristiano sentir a experiência meio dark da Leila e se transformar como uma das borboletas da Boni. Pensa o quanto de conhecimento vivenciamos e aprendemos mesmo sem ter estado em um lugar de conhecimento. São lugares assim que me inspiram na hora de ensinar as crianças, sempre quero que elas conheçam lugares que vão inspirar elas a mudarem.* (carta de Atena)

P4 – Partilha: *Mas, o que tem de ENF, no meio do Parque Lage? A resposta é: tudo. Como por exemplo os projetos incríveis “que vou lhe apresentar”, a biblioteca, as oficinas e claro a própria história e seus entornos cheios de vida e educação. Um desses projetos incríveis é o "Parquinho Lage" Tem como propósito de aprendizagem no campo das artes para crianças a partir de saberes interdisciplinares e pedagogias*

antiautoritárias, por meio de uma convivência com um ambiente excepcional dotado de patrimônio arquitetônico, jardins e floresta. “Com você”, posso refletir nesse contexto como desenvolver um diálogo de caráter social, promovendo a diversidade cultural. (carta de Alana)

P5 – Público: A ideia de reunir nossas cartas em e-books temáticos ficou bem significativa, pois amplia a possibilidade de outras professoras e acadêmicas da Pedagogia conhecerem o que realizamos e aprenderem. Também dá visibilidade para esses lugares que muitos educadores não conhecem. Penso que deveria ser enviado também para os lugares para reconhecerem nosso trabalho na Pedagogia e abrir proposta de emprego lá!!!! (relato Sofia no grupo de discussão).

Com esses excertos, dentre tantos representativos das categorias, podemos interpretar que o processo formativo desenvolvido/investigado possibilitou às acadêmicas diferentes oportunidades para ampliação de seus repertórios científicos, culturais e pedagógicos. Resgatando Nóvoa (2009, p. 32) identificamos que a “Prática” foi a dimensão formativa mais expressiva nas cartas, com várias interrelações das estudantes “centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar” nos contextos de ENF.

Nas cartas, as relações de suas observações com diferentes referenciais teóricos, também permitiram aprendizagens da “Profissão” na direção do que Nóvoa (2019, p.38) defende: “basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes [como autores] um papel central na formação dos mais jovens”.

Da mesma forma, “a formação de professores deve dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente” (NÓVOA, 2009, p. 38), o que a dinâmica da correspondência e da imersão nos contextos de ENF com a bonequinha demonstrou ter potência para o desenvolvimento da “Pessoa”. Muitas acadêmicas desconheciam espaços da sua própria cidade, que com a atividade tornaram-se ricos de possibilidades para aprendizagens.

A dimensão formativa da “Partilha” foi o ponto forte da intervenção. Ao ter que partilhar suas descobertas com as colegas de turma, modular os discursos para serem entendidas, apresentarem os textos das cartas com qualidade estética, foi possível, juntas, “valorizar o trabalho em equipa e o exercício colectivo da profissão” (NÓVOA, 2009, p.40).

Ainda, as visitas da “bonequinha educadora” aconteceram em diferentes tempos, assim muitas estudantes puderam levar a família nos contextos visitados/investigados, quando nos finais de semana, estendendo as experiências para outros públicos. Para além, das afetividades, ao tornar “Público” o material educativo produzido, na forma de e-books destinados a educadores, foi possível aprimorar (se) “a comunicar com o público, a ter uma voz pública, a conquistar a sociedade para o trabalho educativo comunicar para fora da escola [universidade].”

Por fim, concluímos com a pesquisa de intervenção que o processo formativo

investigado produziu efeitos às aprendizagens das futuras Pedagogas, considerando dimensões formativas propostas por Nóvoa (2009) ao desenvolvimento profissional, para ampliarem o repertório de contextos e práticas de atuação profissional; elaborarem conhecimentos das especificidades de educação nesses contextos; desenvolverem estratégias de pesquisa; exercitarem a comunicação e a experiência estética, oportunizarem experiências novas, como a troca de correspondência, uma novidade para muitas das acadêmicas e, especialmente, aprimoraram relações afetivas entre as colegas a partir das cartas, diminuindo distâncias ocasionadas pela pandemia. Com a avaliação dos produtos resultantes da prática educativa (as cartas individuais) e do processo avaliado coletivamente (pelo grupo de discussão) concluímos que produziu efeitos significativos para aprendizagens das acadêmicas e das pesquisadoras na direção da formação humana e profissional. Ainda, possibilitou as estudantes reflexões sobre possibilidades de atuação em diferentes contextos culturais e sociais de Educação, nas interfaces com a escola. Da mesma forma, o conhecimento elaborado poderá favorecer outros processos formativos que contribuam para reflexão de compreensões teóricas e da prática para formação inicial docente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial Docente. Pedagogia. Educação Não Formal. Processo Formativo.

REFERÊNCIAS

CASTRO, F. R. Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral? **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 4, n. 8, dez. 2015.

DAMIANI, M. F. *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57 – 67, 2013.

GADOTTI, M. A questão da Educação Formal/Não Formal. **Sion**, Suisse, p. 1-11, out. 2005.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, v. 08, p. 7–22, 2009

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. Ijuí, Brasil: Editora Unijuí, 2011.

MOURA, E. P. G. de; ZUCHETTI, D. T. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, ago. 2010.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

ZUCCHETTI, D. T. Resenha. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 137-138, jan./abr. 2012.